



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



ARARIPE, CE, 21 DE NOVEMBRO DE 2001

Meu caro companheiro e amigo Governador Tasso Jereissati; Vice-Governador Beni Veras; Senhores Ministros, tão numerosos – creio que nunca, em Araripe, houve tanto Ministro junto, com tanta alegria, para felicitar este marco histórico que estamos realizando aqui; Senhores Secretários-Gerais de Ministérios; Senhores Senadores, Senadores de Pernambuco, Senadores do Ceará, aqui presentes; Deputado Feijó, que está representando toda a Bancada do Ceará, porque eles estão lá, no DF, votando; quero saudar, especialmente, também o nosso Prefeito Germano Corrêa e, em nome dele, os Prefeitos das nossas cidades amigas aqui vizinhas, a começar por Juazeiro do Norte; quero saudar as esposas e os Vereadores aqui presentes; mas, sobretudo, este povo querido do Ceará, esta grande gente do Araripe,

O Governador Tasso ficou com meu discurso na mão dele. Não sei se fez de propósito, mas ele queria me deixar sem jeito, sem eu poder falar com vocês. De modo que vou falar não um discurso lido. Vou falar com meu coração.

Não sei quantas vezes já estive no Ceará. Perdi a conta. Duvido que algum Presidente da República, jamais, na história do Brasil, tenha vindo tantas vezes ao Nordeste, tantas vezes ao Ceará, como tenho vindo, aqui, no interior do Ceará, no sertão do Ceará. Agora, aqui, no Cariri, aqui em Araripe. Vim muitas vezes ao Crato, a Juazeiro. Mas nunca tinha estado neste “coraçöozinho” do Araripe.

Hoje, no helicóptero, olhei esta terra. Para quem é do Sul, é uma terra difícil de ser trabalhada. Esse cristalino, que tem a sua beleza mas também impede, muitas vezes, que se encontre a água. A terra crestada. E, de repente, um oásis. Aqui e ali, um oásis. Tinha vindo de um oásis grande, que é Petrolina. Ali é um oásis grande, porque a irrigação transformou o sertão, realmente, quase num mar.

Mas ao chegar aqui, o Governador Tasso me disse: “Olha, Presidente” – Presidente não, porque ele me chama de Fernando Henrique –, “você sabe que aqui tinha água, descoberta há 20 anos pela Petrobras e estava tampado o poço. Agora, estamos destampando o poço e vamos ter 600 mil litros de água jorrando, por hora, aqui no Araripe. E não é só para cá, é para toda essa região mais seca que aqui está, em volta do cristalino do Araripe.”

Então, a gente vê que, com um pouco de esforço, com um pouco de trabalho, apesar da dureza da terra, apesar do cristalino, apesar da seca, apesar do sofrimento, dá para avançar, dá para melhorar.

Um pouco antes de chegar aqui, estive vendo o trabalho do São José. Estive vendo o pessoal se reunir para criar um modo de transformar a mandioca, de fazer farinha e de multiplicar por dois ou por três o valor da farinha, com o trabalho dos próprios interessados e com um pequeno apoio dos governos.

Depois, conversei com o Prefeito Germano Corrêa. Ele me disse uma coisa que tenho ouvido muitas vezes no Brasil, mas eu, como professor, que fui a minha vida toda, é o que mais me deixa feliz. Ele me disse que aqui, no Araripe, 98% das crianças estão nas escolas, e não tem uma só pessoa que não tenha atendimento médico. A cobertura dos serviços dos agentes comunitários e dos médicos de família é total. Já temos seis grupos de agentes de família, médicos de família, e

tem mais um sétimo, que está para ser aprovado. A Prefeitura está bancando, por antecipação, esse sétimo grupo, de tal maneira que toda a área já está tendo cobertura da saúde.

É isso que conta no Brasil. E é por isso que hoje, ao chegar aqui, comecei a me sentir mais feliz. Mesmo antes de ouvir o que ouvi – as palavras do Ministro Jungmann, as palavras do Governador Tasso Jereissati, que só reafirmam a nossa confiança no futuro do Nordeste, do Ceará e do nosso Brasil.

Comecei a me sentir mais feliz porque, como estava conversando com o Prefeito, dá para sentir que já existe a semente de um outro Brasil. É semente ainda. Sabemos que ainda há muito sofrimento. Ainda agora, este ano, na seca, houve carro-pipa.

O Governador Jarbas Vasconcelos, de Pernambuco, me dizia, há poucas horas, que o que mais o constrangia é que, aí em Pernambuco, ainda tinha que usar o carro-pipa, existe carro-pipa. Araripina também, claro.

Acabei de falar com o Governador Jarbas. Ele retomou a licitação da Adutora do Oeste ontem. Já está tocando também. Não se preocupem. Está sendo feita.

Esses dados, esses sinais, por exemplo, se vêem quando há sintonia entre o que se está fazendo e o que se deseja que seja feito. Isso é bom. Mesmo antes de eu saber – soube agora, há pouco portanto – que ele já lançou a licitação, não sei se ontem ou nessa semana, da continuidade da Adutora do Oeste.

Esses dados mostram que já existe, como eu dizia, a semente de um novo Brasil. É semente. Eu dizia: temos visto, ainda nesta seca, muito carro-pipa. Mas já não vimos mais a “indústria da seca”. Não vi uma só reclamação de que prefeito, vereador ou deputado, ou o que seja, estejam usando dinheiro público para fins eleitorais. Isso já acabamos. E agora vai acabar definitivamente, porque tudo dos programas sociais – tudo – passa a ser automático. Quer dizer, a pessoa recebe o cheque, como aqui vocês viram. Pequeno, hein, quase nada. Na perspectiva de quem mora nas zonas ricas do Brasil, dir-se-à: “Ah, mas para que serve isso? Quinze reais?” Só a cesta-básica custava

12 reais ao Governo. Portanto, aqui são 12 mais 3 – não é nada, mas esse “nada”, muitas vezes, é o que mata a fome de uma família.

Temos que respeitar esse pequeno recurso que está chegando, porque é o possível neste momento. Mas, além disso, a bolsa-escola, a bolsa-renda, esse conjunto de programas, que tenho chamado de rede de proteção social, está sendo distribuído automaticamente. Não passa pela intermediação política, como todos dissemos. Automaticamente, a pessoa, pela sua dignidade de cidadã ou de cidadão, recebe aquilo a que tem direito, como todos já frisaram antes de mim. Isso é uma revolução. Isso é uma revolução.

Então, eu dizia que não sei quantas vezes vim ao Nordeste. E eu tinha, como nós todos que temos vida pública temos sempre, uma preocupação: será que estamos cumprindo o que prometemos? É tão fácil prometer. É tão difícil fazer qualquer coisa.

Pois bem, ao ouvir as palavras do Governador Tasso Jereissati e depois do Ministro Raul Jungmann, posso dizer que volto com a consciência mais tranqüila para Brasília, porque estamos fazendo aquilo que era impensável há muito poucos anos. Estamos, realmente, quebrando grilhões. Por isso, falei em alforria do sertanejo, porque o sertanejo vivia submetido à “indústria da seca”. Não era só o sertanejo: o homem da cidade também, porque o tempo todo programas e mais programas para mostrar a miséria, a pobreza dos nordestinos e, em seguida, programas e mais programas para mostrar o desvio dos recursos que não chegaram às mãos dos nordestinos. Isso está acabando. Não posso garantir que tenha acabado, mas está acabando.

É alforria, sim. Tem uma similitude com o que houve no passado. Foi em Pernambuco, lá no Teatro Santa Isabel, que Joaquim Nabuco mais gritava contra a escravidão. Aqui, não é a escravidão no sentido jurídico, mas é escravidão a falta de condições de sobrevivência. E a idéia de que não há condições de sobrevivência porque a natureza não fornece está equivocada. A natureza é assim como ela é, e é imutável. Temos que aprender a conviver com ela. E o que fizemos, nesses anos todos, custou, mas criamos instituições, caminhos, modos pelos

quais o homem nordestino, sobretudo o homem do sertão, vai poder conviver com uma natureza que é dura, que é, às vezes, agressiva, mas vai ter o mínimo de condições para lutar e sobreviver. Isso é uma libertação. Isso é uma libertação.

Sempre tive horror aos demagogos. Sempre tive horror aos que fazem discurso mas não sabem o que é a vida, aos que fazem discurso mas não ajudam a construir a mudança, aos que querem tudo mas não dão um passo para conseguir alguma coisa quando não se consegue tudo. Sempre tive horror a essa gente. Sempre tive horror a quem critica com uma facilidade espantosa, e quando você pergunta: "Você, o que fez?" Quase nada, se é que fez alguma coisa.

Fizemos alguma coisa. Aqui, estamos com o Castanhão, que vai ser terminado. Aqui, existe uma concepção hídrica. E agora temos a ANA, a Agência Nacional de Águas, cujo Diretor-Presidente está aqui conosco, o Doutor Jerson Kelman, que está organizando, no Brasil todo, o uso da água.

Aqui, fizemos caminhar os programas de saúde, aqui fizemos caminhar os programas de escola. Aqui existe – não é só aqui – o Fundef, o Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, que foi o começo de uma revolução na educação brasileira.

Aqui, existem professores que, hoje, sabem que o livro escolar chega na hora. Não é como no passado, quando chegava meses depois, senão um ano depois. E são mais de 100 milhões de livros que o Governo Federal, através dos governos estaduais, distribui em todo esse Brasil. Começamos a mudar, plantamos a semente.

Ainda não estamos contentes. O Brasil tem muita carência. O Brasil tem muita desigualdade. Mas estamos caminhando no sentido de acabar com elas.

Recentemente, estive na Europa e, depois, nos Estados Unidos. Lá, fiz discursos fortes, exigindo que houvesse mais solidariedade; que houvesse uma globalização que não fosse como a atual, assimétrica, mas que fosse mais solidária; que se abrissem os mercados aos nossos produtos; que houvesse menos desigualdade no mundo.

Não faltaram esses “criticinhos”, que passam o dia todo falando. São palradores, não são fazedores. Falam, falam, falam, não plantam nada. Não faltou quem, desse lado, dissesse: “Ah, por que não faz aqui dentro o que fala lá fora?” Estamos fazendo no Brasil aquilo que estamos dizendo e pregando pelo mundo afora: lutando por uma sociedade mais igualitária. E uma sociedade mais igualitária se constrói com trabalho, se constrói com políticas concretas, se constrói com coragem de dizer “não” quando é necessário dizer não. Constrói-se com independência, constrói-se quando não nos curvamos, a toda hora, a qualquer pressão. Mesmo quando a pressão é justa, mas quando, muitas vezes, não há recursos para atendê-las, é melhor não atendê-las do que atender hoje e amanhã criar um problema enorme para todo o País.

Estamos fazendo o caminho que é necessário fazer neste Brasil. E esse caminho está sendo feito aqui no Nordeste.

Tive a possibilidade hoje de dizer o que penso sobre o Governador Jarbas Vasconcelos. Pois bem, o Governador Tasso sabe o que penso dele. Talvez vocês todos não saibam. Mas vocês pensam dele o que eu penso: é um grande Governador, porque está mudando o Ceará e está no seu terceiro exercício de Governo. E ele sabe tão bem quanto eu que leva tempo, que não se consegue do dia para a noite tudo o que se deseja, que a vontade política é insuficiente quando não há recursos humanos nem materiais para realizá-la e que é preciso construir com o povo as condições para que essa vontade se exerça.

Essa vontade não há de se exercer no isolamento da decisão do Presidente ou do Governador. Ela há de se exercer como nos Programas do São José. Ela há de se exercer como aqui, em Araripe, quando se juntam as pessoas, as famílias, os trabalhadores, as Igrejas, os sindicatos, os professores, os médicos, quando discutem, quando discordam uns dos outros – não importa –, mas quando têm ideais e decência e quando têm um compromisso de vida pela melhoria de condições dos mais pobres. E é o que nós estamos fazendo. É o que o Governador do Ceará vem fazendo em toda a vida pública dele.

Há, portanto, efetivamente, muitas razões para estarmos contentes com este começo. Ainda não existe, efetivamente, o fundo que nós estamos criando, que é o fundo que vai garantir a renda do trabalhador, mesmo quando a seca existe. Existe a lei, ou melhor, existe a medida provisória que assinei e o Congresso vai aprovar, porque não pode ir contra o povo. Vai aprovar. Mas ainda não existe. Vai existir, são as sementes. O ano que vem já existirá.

Há seis anos não existia o Fundef. Não existiam agentes comunitários de saúde, como os há hoje. Não existia o Pronaf, o Programa Nacional da Agricultura Familiar. Não existia a possibilidade que hoje existe de as pessoas se organizarem, reclamarem e obterem avanços concretos, porque não havia tanta capacidade de organização na própria sociedade. Nós fomos criando isso.

Dos programas sociais hoje vigentes, Loas, Pronaf, Fundef, o Peti, que é o Mão Amiga e vai variando de nome, todos esses programas de erradicação do trabalho infantil; a Loas para os mais velhos, aposentadoria garantida, não existia nada disso há sete anos – nada, zero.

Por isso, fico contente de poder vir aqui, ao Araripe, e encontrar a população desta terra e, sem nenhum receio, prestar contas. Prestar contas e dizer: não fiz tudo o que queria. Falta ainda um ano. Vamos fazer mais. Não vai ser possível, no final deste ano, dizer: foi tudo feito. Mas de uma coisa tenho certeza: o caminho está aberto. O caminho está aberto, a semente está plantada.

Hoje, essa semente que estamos plantando aqui, no Araripe, é definitiva. Essa vai permitir, como disse o Governador Tasso, que, efetivamente, possamos olhar o dia de hoje para adiante e o dia de hoje para trás como um marco, como um momento em que o sertanejo disse: “Eu não dependo de ninguém. Eu contribuo também. Mas tenho assegurada a renda para a minha família sobreviver nos piores anos de seca. E sou independente.”

Nada melhor para um Presidente da República do que ver aqui, no Araripe, este povo bom do sertão, esta gente trabalhadora do sertão num só grito, em uníssono, dizendo: “É. Nós hoje somos cidadãos. Nós hoje temos liberdade. Hoje, o Brasil começa a ser outro.

Amanhã, vai ser melhor. Mas hoje é bem melhor do que foi ontem. Nós confiamos no Brasil porque confiamos em cada um de nós – homens, mulheres, mais velhos, crianças, jovens. Sabemos que havendo a cidadania, havendo a democracia, havendo o respeito ao outro e havendo decisão firme de avançar o País avança.”

O que vi plantado hoje aqui foi essa crença. E nada muda quando não se tem crença. É preciso ter crença. É preciso ter a esperança e a crença. Com esperança e com crença, por mais adversas que sejam as situações, por mais dura que seja a realidade física, por mais difícil que seja a realidade social, há sempre a capacidade de mudar tudo. E estamos mudando. Hoje foi uma espécie de alavanca que está levando para adiante este Nordeste, com esse grito, que é um só: com liberdade, estamos construindo nosso futuro.

Muito obrigado.